



## Resenha

# A consolidação dos estudos de recepção no Brasil<sup>1</sup>



Lirian Sifuentes<sup>2</sup>

“Meios e Audiências II – a consolidação dos estudos de recepção no Brasil” tem uma proposta rara no campo da Comunicação no Brasil, que é a de realizar um balanço crítico da área, no caso de estudos de recepção, pela segunda década consecutiva, demonstrando desenvolvimentos, fragilidades e possibilidades nas investigações em recepção. Na primeira década, Nilda Jacks e equipe<sup>3</sup> haviam realizado um levantamento sobre os estudos de recepção apresentados nos anos 1990 – “Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil”. Agora, fazem<sup>4</sup> o mesmo – com algumas modificações na forma de apresentação, mas com o mesmo objetivo – em relação ao período de 2000 a 2009. Logo, tem-se um mapeamento de 20 anos de pesquisa, em que se pode ver, principalmente, a consolidação dos estudos de recepção no Brasil, como já destaca o subtítulo do trabalho.

A obra conta com prefácio escrito por Mauro Wilton Sousa, e orelha assinada por Maria Immacolata Vassalo de Lopes, ambos respeitados pesquisadores de recepção. Tomando como inspiração o termo “mapa noturno”, de Martín-Barbero, Immacolata denomina o trabalho encabeçado por Nilda Jacks de “mapa diurno” dos estudos na área, visto a clareza da cartografia apresentada. Por sua vez, Sousa chama a atenção para a boa notícia que o livro traz, presente já no título. Além disso, credita a qualidade do conteúdo do livro, especialmente o rigor do trabalho de Nilda Jacks, referência no campo dos estudos de recepção em toda a América Latina. Há anos, a autora apresenta tanto ricas pesquisas originais quanto reflete seriamente sobre o estado da arte no campo, oferecendo uma dupla contribuição a ele.

O livro está organizado em nove capítulos, além de apresentação, introdução e conclusão. A apresentação aponta aspectos centrais na metodologia empregada pelo grupo. Como parte da metodologia para o estudo, foi mantido o foco, já presente em Meios e Audiências I, nos trabalhos de dissertação e tese por se entender que “[...] abordando essa dimensão da pesquisa, se está contemplando também, mesmo que indiretamente, o trabalho dos orientadores e o papel das instituições a que pertencem na consolidação do campo” (p. 11). Tomam, assim, no período de 2000 a 2009, um total de 209 trabalhos apresentados nos programas de pós-graduação em Comunicação que versaram sobre recepção. Nesse número foram incluídos trabalhos que não necessariamente se apresentam como estudos de recepção,

<sup>1</sup> JACKS, Nilda (coord. e org.). *Meios e audiências II. A consolidação dos estudos de recepção no Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pós-doutoranda em Comunicação na PUCRS. E-mail: [lisifuentes@yahoo.com.br](mailto:lisifuentes@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Além de Jacks, são autoras do livro Daiane Menezes e Elisa Piedras.

<sup>4</sup> Os capítulos do livro são assinados por Ana Paula Knewitz, Daniela Maria Schmitz, Elisa Reinhardt Piedras, Laura Hastenpflug Wottrich, Lourdes Ana Pereira da Silva, Mônica Pieniz e Valquíria Michela John.

mas que possuem as características de classificação das autoras, sendo a central o fato de serem “[...] consideradas pesquisas que analisam a relação empírica dos receptores com os meios” (p. 13).

Por outro lado, acerca da categorização dos trabalhos investigados, a introdução inicia diferenciando a classificação das teses e dissertações usada em Meios e Audiências II daquela do volume anterior. Enquanto no estudo referente à última década do século XX a divisão era entre as abordagens sociocultural, comportamental e outras, na investigação acerca da primeira década do século XXI as abordagens são sociocultural<sup>5</sup>, sociodiscursiva (desdobramento da sociocultural) e comportamental. A modificação deixa de fora a classificação genérica “outras”, dá menos destaque à abordagem comportamental e desdobra a sociocultural também em sociodiscursiva – aquela em que se adota as teorias do discurso para analisar a recepção. O objetivo é dar ênfase aos trabalhos com viés sociocultural e sociodiscursivo, que somam 144. A estes é dedicada a maior parte dos nove capítulos de análise qualitativa, enquanto que uma análise quantitativa geral é realizada ainda na introdução. Os diversos capítulos buscam dar conta de diferentes temáticas, incluindo as mídias, os programas e as categorias sociológicas mais investigadas.

O primeiro deles, “Recepção televisiva, (ainda) a mais estudada”, assinado por Nilda Jacks, aborda os trabalhos em que o meio central da pesquisa foi a televisão. Embora a internet tenha conquistado um crescimento de 1.519% entre 2000 e 2010, conforme dados apresentados no capítulo, “[...] a televisão segue, no Brasil, o meio de comunicação com maior penetração em todas as camadas da população” (p. 31). Entre as dissertações e teses que compõem o *corpus*, mais de 50% tratam dessa mídia. Uma evolução em relação à década passada, ressaltada no capítulo, é a aparição, ainda tímida, de estudos sociodiscursivos, que enfocam a produção de sentido dos receptores. Jacks também chama a atenção para a variedade de temas que surgem nesses trabalhos, como violência e religiosidade, raros nos estudos da década anterior.

O segundo capítulo, “Receptores na internet: desafios para o contexto de trânsito das audiências”, de Mônica Pieniz e Laura Hastenpflug Wottrich, analisa aqueles trabalhos acerca da relação entre as pessoas e a internet. O crescimento do número de pesquisas com essa perspectiva – 31, entre 2000 e 2009 – vai ao encontro do que foi sugerido no livro sobre a década de 1990. Neste foi apontada a necessidade de um maior número de pesquisas sobre esse meio, em plena ascensão já nos últimos anos do século passado.

Diferentemente do que se percebe nos estudos sobre televisão, em que predominam as pesquisas com abordagem sociocultural, naquelas que se centram na internet são maioria as investigações com abordagem comportamental, “[...] o que é natural no início dos estudos sobre o impacto de determinados meios, como ocorreu com o rádio e a televisão” (p. 76). Como principal ponto positivo desses trabalhos, as autoras destacam o empreendedorismo, perceptível através da audácia na combinação de teorias e métodos. Por outro lado, destacam a necessidade de aprofundamento desses estudos, através de pesquisas de longo prazo, por exemplo.

O capítulo três, intitulado “Estudos de recepção radiofônica: as culturas locais em foco”, de Anna Paula Knewitz, analisa os 21 trabalhos que se deram na recepção do rádio. Uma importante característica acerca desses estudos manteve-se em relação à década anterior, pois o enfoque permanece

<sup>5</sup> “A abordagem *sociocultural* segue sendo entendida como aquela que [...] ‘abarca uma visão ampla e complexa do processo de recepção dos produtos midiáticos onde são consideradas múltiplas relações sociais e culturais. Mais do que o estudo do fenômeno de recepção em si mesmo, pretendem problematizar a pesquisa, seja do ponto de vista teórico ou empírico, sua inserção social e cultural’ (Escosteguy, 2004, p. 135).”

na “[...] inserção do rádio em comunidades, grupos étnicos e regiões interiores, destacando, geralmente, a força desse meio como promotor do sentido de pertencimento” (p. 100). Uma das conclusões do capítulo revela que a síntese apresentada no título do volume anterior – “Rádio, ainda pouco conhecido” – foi subvertida em anos recentes em um número de estudos duas vezes maior. No entanto, ainda há pouca novidade na forma de abordar o tema e falta de diálogo com pesquisas anteriores.

O capítulo quatro, “Recepção de telenovela: a identidade em questão”, de Lourdes Ana Pereira da Silva, aponta uma mudança no teor dos trabalhos sobre recepção de telenovela, que totalizaram 24, de uma década para outra: “[...] na década de 1990 apresentam maior foco no conteúdo, isto é, na produção de sentidos, nos anos 2000 as mensagens dessas narrativas ficcionais são utilizadas como ‘pretextos’ para entender algo que é articulado por elas, sobretudo, as questões que envolvem a temática das identidades” (p. 123). Como desafios, Silva indica a explicitação e a discussão da metodologia do estudo, ainda uma carência, como na década anterior.

O capítulo cinco, “Recepção dos conteúdos jornalísticos: gêneses e lacunas”, assinado por Valquíria Michela John, enfoca nas 54 dissertações e teses que tiveram no jornalismo seu gênero principal. O número de trabalhos indica seu crescimento, quase seu nascimento, nos anos recentes, uma vez que na década anterior apenas dois trabalhos se dedicaram ao estudo do jornalismo. Nesse universo de pesquisas, destaca-se a abordagem sociodiscursiva, a qual não se verifica nos trabalhos sobre outras temáticas. O jornalismo televisivo ainda é o mais estudado, enquanto o de revista carece de atenção.

O capítulo seis, “Ascensão dos estudos de recepção de publicidade: contribuições nas abordagens comportamental, sociocultural e sociodiscursiva”, de Elisa Reinhardt Piedras, demonstra o salto qualitativo na pesquisa em publicidade nos anos 2000, “[...] que enfim parece ecoar no mundo acadêmico a força de sua presença no cotidiano contemporâneo” (p. 172). Nos 21 estudos sobre recepção publicitária, “[...] revela-se um olhar sobre a publicidade que busca superar determinismos e construir uma abordagem processual” (p. 172). Outro avanço são as temáticas que constituem esse cenário, como a ética, o direito do consumidor e as políticas de representação. Por outro lado, repetem-se lacunas demonstradas no volume anterior, como a pouca clareza na apresentação do problema de pesquisa e o desencontro entre objetivos e quadro teórico. Além disso, nota-se a falta de trabalhos que articulem publicidade e internet.

No capítulo sete, “Será que o jovem só vê TV? Juventude na pesquisa de recepção”, de Daniela Maria Schmitz, apresenta-se e reflete-se sobre os 44 estudos que enfocaram jovens e adolescentes. O crescimento numérico é tanto absoluto quanto proporcional ao aumento do número de programas de pós-graduação em Comunicação. Em relação às temáticas abordadas, também há um desenvolvimento, com novos interesses em cena, embora outros, como a recepção de telenovela, permaneçam. A variedade de temas, contudo, não se traduz em pesquisas mais consistentes. Embora os jovens sejam o grupo de interesse, eles são, por vezes, “[...] negligenciados no tratamento dos dados empíricos e nas conclusões” (p. 207).

O capítulo oito, “Mulheres, identidade de gênero e sexualidade: problemáticas e desafios a partir do recorte por sexo”, de Valquíria Michela John, deixa claro que a escolha por mulheres como informantes nem sempre coincide com uma pesquisa que se dedica à investigação das relações de gênero. Ao todo, 30 trabalhos apresentam foco na questão de gênero nos anos 2000, enquanto que na década de 1990 haviam sido sete. No entanto, nenhum trabalho ainda se deteve na relação entre mulheres e internet, embora a discussão sobre gênero e tecnologia possa ser rica. Outros cruzamentos também são apontados como ausentes, como o estudo de mulheres idosas e o de mulheres negras.

No capítulo nove, “Quem precisa das identidades? Os estudos de recepção”, Laura Hastenpflug Wottrich discute os estudos de recepção que dão centralidade à questão da identidade, seja ela qual for. Somam 51 trabalhos do *corpus* – na década anterior eram apenas cinco. As identidades em destaque no capítulo são de gênero, étnica, regional, território e múltiplas. As principais falhas das pesquisas de recepção e de identidade, apontadas no capítulo, sintetizam, de certa forma, as conclusões a que chega o livro em conjunto.

Ausência de maior aprofundamento na elaboração do problema de pesquisa; falta de clareza nos objetivos, incoerência entre modelos teóricos e desenvolvimento empírico; discussões teóricas sem ressonância nos resultados; métodos dissonantes dos objetivos e problemas; ausência de justificativa para composição da amostra, entre outros fatores, compõem as fragilidades das pesquisas. (p. 266)

Como ganhos nessa perspectiva, Wottrich assinala a discussão aprofundada sobre as identidades e a exploração de cenários empíricos pouco conhecidos, assim como a combinação de variadas técnicas de pesquisa.

Entre as principais conclusões a que Nilda Jacks e equipe chegam, além daquelas sintetizadas no último capítulo, está a clara relação entre a evolução dos estudos de recepção com a evolução da metodologia apresentada nos trabalhos, embora em muitos trabalhos ainda falte explicitação a respeito. Isto é, se é possível notarmos trabalhos mais maduros na área, isso se deve, em grande parte, a um amadurecimento nas combinações de métodos de pesquisa empregados. Do mesmo modo, o acolhimento de novos enfoques teóricos, ainda que parcialmente, e a diversidade de temáticas também colaboram para esse crescimento.

Vale destacar que afirmar que os estudos de recepção se consolidaram na última década não quer dizer que as fragilidades não sejam significativas, tampouco que tenham se tornado “hegemônicas” no campo. De 2000 a 2009, 209 dos 5.715 trabalhos apresentados nos programas de pós-graduação em Comunicação versaram sobre recepção, o que representa apenas 3,6% do total.

Por fim, como aponta Maria Immacolata Lopes na orelha do livro, além de referência para os estudiosos da recepção, o livro também pode ser importante para investigadores de outras áreas no que diz respeito à construção do estudo, uma vez que a pesquisa em Comunicação certamente teria muito a ganhar se levantamentos desse tipo fossem mais frequentes, informando e refletindo sobre o que vem sendo feito, desenvolvendo uma ampla cartografia do campo.